



BIBLIOTHECA

N.º 3

BRICIO FILHO

Quincas Teixeira

COMEDIA EM 1 ACTO

(Representada com geraes applausos em
todos os theatros do Brasil)

NOVA EDIÇÃO

PREÇO 2\$000

LIVRARIA TEIXEIRA
VIEIRA PONTES & CIA.
Rua Libero Badaró N.º 491
S. PAULO

PRIMEIRA CASA DO PAIZ NO GENERO TEATRAL E FORNECEDORA
 DAS PRIMEIRAS SOCIEDADES, GRUPOS DRAMATICOS E CIRCOS DO BRASIL

Não se enviam peças á AMOSTRA, não se TROCAM, nem se aceitam DEVOLVIDAS

COMEDIAS EM 1 ACTO			
2 homens		3 homens e 3 senhoras	
Almoço aos pontapés	2\$000	Na cidade (o sete-nomes)	2\$000
Casamento por telephone	2\$000	3 homens e 6 senhoras	
3 homens		Simplicidade	2\$000
Atribuições dum estudante	2\$000	4 homens e 1 senhora	
Por um triz!	2\$000	Casa de doidos!	2\$000
Um filho para tres paes	2\$000	Comi o meu amigo	2\$000
4 homens		Coração e estomago	2\$000
Como se arranja um marido	2\$000	Dois mineiros na Corte	2\$000
Um disparate comico	2\$000	Morte (A) do Gallo	2\$000
Velentes e medrosos	2\$000	Pinto, Leitão & Cia.	2\$000
6 homens		Quincas Teixeira	2\$000
Simplicio Castanha & Cia.	2\$000	Sen Juca Pindoba	2\$000
Uma casa de estroinas	2\$000	Uma criada impagavel	2\$000
Um noivo de Alcanhões	2\$000	4 homens e 2 senhoras	
7 homens		Diabo (O) atraz da porta	2\$000
Dois estudantes no prego	2\$000	Hospedaria (A) Senceró!	2\$000
Meia hora de cynismo	2\$000	Má peça!	2\$000
1 homem e 1 senhora		Milagres de Santo Antonio	2\$000
Almoço (O) do homem sandwich	2\$000	Não tem titulo	2\$000
Amor por annexis	2\$000	5 homens e 1 senhora	
Amor trombolho	2\$000	Casas sem saber com quem	2\$000
Ao calgar das luvas	2\$000	Castella com as mulheres	2\$000
Carnet (O)	2\$000	Deis (Os) Juca	2\$000
Procuração (a)	2\$000	Dois (Os) surdos	2\$000
Raiz maravilhosa	2\$000	Espada (A) do general	2\$000
Sinos de Corneville	2\$000	Medico maua	2\$000
Uma prova de consideração	2\$000	Morrer para ter dinheiro	2\$000
Um truc admiravel	2\$000	5 homens e 2 senhoras	
1 homem e 1 senhora		Doido... por conveniencia	2\$000
Bonde errade!	2\$000	5 homens e 4 senhoras	
Choro ou rio?	2\$000	Casamento (O) do Pindoba	2\$000
Conterranea (A)	2\$000	7 homens e 2 senhoras	
Deu e pavão!	2\$000	Porto, Madeira & Collares	2\$000
Eu não sou eu!	2\$000	8 homens e 1 senhora	
Já ouvi espirrar este nariz!	2\$000	Maneco Pingurra	2\$000
Trinta botões	2\$000	COMEDIAS EM 2 ACTOS	
Uma experiencia!	2\$000	Almas do outro mundo, 4 h. e 2 s.	3\$000
Um plano infallivel	2\$000	Casas para morrer!... 2 h. e 2 s.	3\$000
2 homens e 2 senhoras		Chefe (O) Politico, 6 h. e 1 s.	3\$000
Esposa de S. Excia.	2\$000	Divorcio (O), 5 h. e s.	3\$000
Visconde da Rosa Branca	2\$000	Lela, 4 h. e 2 s.	3\$000
3 homens e 1 senhora		Perdi minha mulher! (Um servo perigo- oso), 3 h. e 2 s.	3\$000
Apuros (Os) de Lulu	2\$000	COMEDIAS EM 3 ACTOS	
Nhó Manduca	2\$000	Abençoados pontapés! 7 h. e 1 s.	4\$000
Noiva (A) e a agua	2\$000	Agua mole em pedra dura... 3 h. 1 s.	4\$000
Que Trindade!	2\$000	Aventuras dum rapaz feio, 4 h. e 3 s.	4\$000
Ramo (O) de lilazes	2\$000	Bandsirante (O), 6 h. e 3 s.	4\$000
Resonar sem dormir	2\$000	Consequencias... de inconsequencias, 5 h. e 2 s.	4\$000
Um marido que é victima das modas	2\$000	Coração (O) não envelhece, h. e 3 s.	4\$000
3 homens e 2 senhoras		Dar corda para se enforcar, 4 h. e 2 s.	4\$000
Duas (As) bengalas	2\$000	D. Juan da Pampilhoa, h. e 2 s.	4\$000
Na Roça	2\$000	Os Dominós, 5 h. e 2 s.	4\$000
Primeiro (O) cliente	2\$000	Gaspar Cacete, 4 h. e 3 s.	4\$000
		Grande (O) Hotel de Sarilhos, 3 h. e s.	4\$000
		Interventor (O), 7 h. e 4 s.	4\$000

166

BIBLIOTHECA DRAM A POPULAR

N.º 3

BRICIO FILHO

Quincas Teixeira

COMEDIA EM UM ACTO

Representada com geraes applausos em todos os theatros
do Brasil

NOVA EDIÇÃO



LIVRARIA TEIXEIRA

VIEIRA PONTES & CIA.

Rua Libero Badaró, 491

S. PAULO

MANOEL COELHO	Snr. Moraes
QUINCAS TEIXEIRA	Snr. Narciso Costa
ERNESTO	Snr. Sylvio Lage
LUIZA	Snr. ^a D. Judith Rodrigues
MARIA, creada	Snr. ^a D. Maria Santos

Esta comédia pôde ser representada com uma dama só, substituindo a personagem de Maria por um creado.

ACTO UNICO

(A scena representa uma sala simplesmente mobiliada, mesa, cadeiras, sofá, etc. Sobre a mesa um album de retratos e preparos para escrever).

SCENA I

MANOEL COELHO (só)

COELHO (entra praguejando e observando para todos

os lados, com todo receio de ser ouvido) — Lá vai o compadre Calixto para a cadeia por ter defendido a sua dignidade!... Para a cadeia!... Um homem trabalhador e honrado! E porque? porque applicou uma sóva de pau em um pelintra que trepava o muro do quintal para conversar com sua filha! O que vale é que a minha Luizinha tem muito juizo e é capaz de arrumar uma bofetada no primeiro mariola que se atrever a fazer-lhe macaquices.

SCENA II

O mesmo e MARIA

MARIA (entrando e dando uma carteira a Coelho) — Meu amo, aqui tem uma carteira que a senhora D. Luizinha esqueceu hontem no armario da esquina, quando foi lá fazer compras. O senhor Aguiar mandou aqui trazel-a.

COELHO — Está bom. Vai pôl-a no toucador da menina (reflectindo). Ai! não; espera, os tempos estão muito corrompidos... Quem sabe? Vem cá, Maria, dá-me a carteira.

MARIA (vacillante, áparte) — Ai! ai! ai!... está tudo perdido. Deixa-me safar antes da trovoada (sae).

SCENA III

COELHO

COELHO (abre a carteira, examina-a, vê um retrato de homem e depois vê uma carta) — Estarei eu a dormir?... Um retrato de homem!?... Sim! é um retrato! Senhor Deus!... Será possível?!... A minha Luiza seria capaz?!... Que é isto? Uma carta! (abre-a) Para quem

será esta carta? (lê) Meu anjo!! (fala) Oh! demonio de mil pipas!!... Eu enlouqueço!! Pois a minha Luizinha... aquelle anjo de pureza... estará tambem corrompida? Vejamos o que diz a carta do patife. (lê) Meu anjo, ainda não tive a felicidade... (fala) Ainda bem, mariola... (lê) a felicidade de apertar-te em meus braços!... (fala) Espera que hei de apertar-te... mas ha de ser o pescoço, tratante! (lê) Sei que me amas deveras!... (repetindo) deveras!... (fala) Pois deveras a minha Luiza ama esse grandissimo velhaco!!... (lê) Mas não comprehendo como podes ser tão medrosa... (fala) como é valente o patife!... Espera que eu te mostrarei! (lê) Preciso falar-te e procurarei a hora em que teu pae sair á rua... (fala) Oh! que peralta!... (lê) Teu X. (fecha a carta) Oh! que ideia! (com força) Agarral-o, e soval-o, aqui mesmo, em presença da menina! (reflecte) Hein! Olha a sova de pau que o compadre Calixto deu... (com coragem) Não! não importa! dê no que der, hei de vingar a minha dignidade! Outra ideia! é preciso que a menina não saiba do que se passa. Guardo o retrato. E' o meio mais certo de pilhar o patife. Hei de conhecê-lo hoje mesmo. (chama) O' Maria!

SCENA IV

COELHO e MARIA

MARIA (entrando) — Meu amo chamou?

COELHO — Toma a carteira da menina Luiza, colloca-a no seu toucador... e não digas que a examinei... Ouviste?...

MARIA — Sim, senhor. Ouvi... Esteja meu amo tranquillo... (á parte, sahindo) Que irá elle fazer?

COELHO — Ah! não... espera, deixa ficar a carteira, eu mesmo a collocarei (sae).

SCENA V

LUIZA e MARIA

LUIZA (entrando) — Maria, aonde foi meu pae?

MARIA — Sahiu, senhora D. Luiza!

LUIZA — Aonde foi elle?

MARIA — Não disse aonde ia; entrou... esteve aqui algum tempo... e depois sahiu.

LUIZA — Maria, corre á casa do senhor Aguiar e pede-lhe a minha carteira, que lá esqueci hontem (empurrando-a). Corre Maria!

MARIA — Não é preciso, senhora D. Luiza, a carteira está no seu toucador; vieram aqui trazel-a.

LUIZA — E meu pae não viu quando a trouxeram? Fala: elle não a abriu? Anda, fala!

MARIA — Não, senhora D. Luizinha, não abriu. To-

mou-a das mãos da pessoa que a trazia e foi pô-la no seu toucador.

LUIZA — Oh! que felicidade! Eu já tinha o coração apertado como se estivesse para morrer! (batem) Está bom, Maria, podes ir embora... (Maria sae) Batem á porta! Quem será?... (Ernesto entra) Ah! és tu, Ernesto? Entra!

SCENA VI

LUIZA e ERNESTO

ERNESTO (entra e contempla Luiza) — Como estás formosa, minha cara Luiza!... Dize-me, recebeste a minha carta hontem?

LUIZA — Sim, Ernesto, recebi e acho que és exigente de mais commigo! O que queres mais que faça para mostrar quanto te estimo?... Não posso dar-te maiores provas do que as que te tenho dado, arrostando até o perigo de receber-te aqui na ausencia de meu pae! Acho que não tens razão!

ERNESTO — Sim, confesso; mas é que não sabes quantas duvidas me assaltam o coração quando te não vejo diante de mim. Além disso é cruel que para ver-te preciso entrar aqui ás furtadellas, Aonde foi teu pae?

LUIZA — Não sei, sahiu ha pouco. Não é possível que volte já! Conheço muito os seus habitos. Só põe os pés na rua para negocios importantes, e esses nunca se decidem em poucos momentos. Sentemo-nos. (sentam-se).

ERNESTO — Já falaste a teu pae sobre os nossos desejos? Talvez tenha esquecido o filho do Teixeira; quando penso que esse desgraçado pretende a tua mão, tenho impetos de matal-o!

LUIZA — Não tenhas receio, Ernesto, eu direi francamente a meu pae que não quero ver mais semelhante pateta!

ERNESTO — Como és bôa e formosa, Luiza. Quando chegará para nós o tempo da ventura! (toma-lhe a mão e beija-a. Ouvem-se passos fóra).

LUIZA (assustada) — Meu Deus!... E' meu pae que ahí vem!

ERNESTO — Como escapar-me d'aqui?

LUIZA — Meu Deus!... Sae, Ernesto! (Ernesto toma o chapéo, desgrenha apressadamente o cabello, arregaça os punhos e em attitude furiosa põe-se á porta do F. por onde Coelho entra. Luiza percebe o estratagemma e chega-se bem á frente do palco em ar de susto e gríta). Saia, senhor! Meu pae! Accuda! Um ladrão!

SCENA VII

Os mesmos e COELHO

COELHO (entra furioso, quer agarral-o, ha uma pequena lucta. Ernesto safa-se sem dar tempo a que Coelho o reconheça) — Maria! O' Maria! Maria! Um ladrão! Foi-se (Ernesto sae) Que é isto, Luiza?! Quem é este homem? Como entrou elle aqui?

LUIZA (hesitando) — Não sei, meu pae!... provavelmente é um gatuno... eu estava cosendo naquelle canto, quando appareceu este homem, e, sem dizer o que queria, dirigia-se para mim quando meu pae entrou. Ainda estou tremendo de susto! Vou beber agua para vêr se melhora (sae rindo ás gargalhadas).

SCENA VIII

COELHO e depois LUIZA

COELHO (admirado pelas gargalhadas e reflectindo) — Hum! Estas gargalhadas, para quem está morrendo de susto!... Nada! Aqui ha dente de coelho, senhor Manoel Coelho!... Ah! ladrão!... Hei-de pilhar-te outra vez! Mas vejamos se a Luiza me dá os signaes do mariola!... O' Luiza? Luiza?

LUIZA (entrando) — Que é, meu pae?

COELHO — Tu debes ter reparado bem no tal gatuno... Elle é baixo, não é? Tem bigode, não tem? Estava bem trajado?

LUIZA — Eu não sei, não, meu pai; nem olhei para elle... não sei como não morri de susto... (áparte) Esta pergunta!...

COELHO (áparte, desconfiado) — Sim... hein!! (alto) Não olhaste para elle!... bem! podes ir.

SCENA IX

COELHO e MARIA

MARIA (entrando) — Meu amo, está lá em baixo um moço que deseja falar-lhe.

COELHO — Manda-o entrar (Maria sae). Decididamente o melhor meio de acabar com isto é casar a minha Luiza! Ah! que bom partido seria agora o filho do meu amigo Teixeira! Vou propôr-lhe casamento (sae).

SCENA X

QUINCAS (só)

QUINCAS (entra e depois de pausa).

Eu sou o Quinca Teixeira,
Naturá de Itabapoana,
Tenho um engenho, faço aguardente
Rapadura e mer de canna!

Sou filho do José Teixeira,
José Teixeira com D. Chinoca,
Perto das moças eu pulo com gosto
Como o milho chamado — pipoca!

Venho agora p'ra cidade
Ver se encontro uma menina
Que me ajude a moer a canna,
Mas quero fazenda fina!
Sou filho do José Teixeira, etc.

SCENA XI

QUINCAS e COELHO

COELHO (entrando) — Oh! senhor Quincas! (áparte) Caiu do céu! (alto) Queira sentar-se, senhor Quincas! Agora mesmo pensava no senhor!... Então sempre quiz dar-nos um ar da sua graça?

QUINCAS (apatetado) — E' verdade, seu Mané Coelho! Quem é vivo sempre aparece; não é verdade seu Mané Coelho?...

COELHO — Ha muito tempo que não temos o prazer de o vêr por esta sua casa. Veio de fóra?

QUINCAS — De fóra de onde? Agora?! Vim de dentro. Cheguei antes de honte de Itabapoana... Fui lá arrecebê a minha legitima herança de minha defunta mãe, que morreu sem me aprevenir!

COELHO — Pois por cá todos os dias nos lembravamos do senhor. Então a Luizinha a toda a hora está fallando no senhor!

QUINCAS — Qual! quem sou eu, para acompanhá nosso pai fóra d'hora!... quem sou eu, para a exma. sã D. Luiza gostá de mim!... fallá no meu nome! Agora cá eu é que sim! Eu inté tenho vergonha de confessá, seu Coelho! Que vontade!... Que vontade de gostá de sua filha, seu Coelho!... Mas eu não devia fallá ansim agora, não é verdade, seu Coelho?... Eu devia de fica mais triste com a morte da minha defunta mãe, não é verdade seu Coelho?... sabe quanto eu herdei, seu Coelho? Veja lá se acerta!

COELHO — Aposto que... uns 40 contos!

QUINCAS — Chê!... Suba, seu Coelho!

COELHO — 50?

QUINCAS — Oh! seu Coelho, quanto vale a fazenda do Ribeirão? Herdei 70 conto, batidinho no tóco!... Chê... não quero mais sabê da roça, agora quero ser da cidade!... Quanta moça bonita se encherça por ahi a fóra, a toda a hora! Ah! seu Coelho! qué maiança? Se eu pudesse enfileirá todas pr'a escolê uma seu Coelho!

COELHO (esfregando as mãos) — Vamos a vêr Diga lá quem escolhia?

QUINCAS — Não digo, não. Eu tenho vergonha. O seu Coelho já sabe; nem que eu enfileirasse moça bonita daqui até ao céu, a minha *hovéra* de sé sempre a mesma! Eu posso dizê quem é?

COELHO — Diga, homem!

QUINCAS — Ora quá! não digo, não. Eu tenho vergonha, seu Coelho!

COELHO — Diga sem vergonha!

QUINCAS (áparte) — Sem vergonha... sem vergonha é vancê!

COELHO — Então, seu Quincas... diga, quem é?

QUINCAS (rindo) — E'... é a D. Luizinha, seu Coelho!...

COELHO — Homem! pois era preciso tanto tempo para me dizer o que eu já sabia?!

QUINCAS (admirado) — Mas como é que seu Coelho sabia?!...

COELHO — Que cousa difficil de se perceber! Os namorados conhecem-se ás leguas! Eu tambem fui moço como o senhor Quincas; tambem me apaixonei por uma rapariga, pensando que ninguem sabia das minhas idéas...

QUINCAS — E o seu Coelho nunca se casou?... (áparte) Ora! ora que diabo d'asneira!...

COELHO — Mas, vamos ao que serve. Está tudo decidido! O senhor Quincas gosta da menina e a menina gosta do senhor Quincas. Eu fui muito amigo de seu pae e elle foi muito meu amigo... Vamos fazer com que esta amizade vá passando de paes a filhos, não é assim?

QUINCAS — Se ella gostá!

COELHO — Ah! Ella já está mesmo na idade de gostá!... O que é preciso é que se falle ao menos uma vez sobre estas cousas!... Mas isso fica para logo. Vamos já tratar dos arranjos! (áparte) Oh! que ventura para um pae! (alto) O senhor vae á costureira e eu vou já fazer correr os banhos.

QUINCAS — O que é isso, seu Coelho? Que negocio de banho é esse?

COELHO — Sem duvida, ninguem se casa sem tomar... tres banhos!

QUINCAS — Homem! que moda é essa? Oh! oh! Bem bom. Eu estou mesmo precisando de um banho para me alimpá da poeira da viagem!...

COELHO (canta. *Serenata do "Bocaccio"*)

Oh! que dita! que ventura

Para um pae amante extremo,

Achar noivo tão distincto

D'esta especie, tão chic e formoso!

OS DOIS

Eu sou) filho do José
 Elle é)
 Natural de Itabapoana,
 Tenho) um engenho faço) aguardente
 Tem)) faz)
 Rapadura e mel de canna.
 Oh! que dita! etc.

QUINCAS (depois da musica) — Vamos tomá banho, seu Coelho! (saem os dois).

SCENA XII

LUIZA (só)

LUIZA (rindo muito) — Ah! Ah! Ah! Que grande pateta! E eu a ouvir tudo e sem poder entrar na conversa! Não sei como me contive e não fui á cozinha buscar um pouco de sal para esfregar nos beiços do tal caipira. (séria) Mas é que agora o negocio está mais sério!... Afinal descobri que meu pae está com o retrato de Ernesto, que eu não encontrei na carteira... mas como tirou elle o retrato e deixou a carta?! Meu Deus! quem sabe se meu pae quer fazer alguma loucura?... E' preciso prevenir Ernesto de tudo isto, para que meu pae não o reconheça pelo retrato!... (Batem fóra. Aparece logo Ernesto).

SCENA XIII

LUIZA e ERNESTO

ERNESTO (á porta) — Posso entrar, Luiza? (desce). Ah! minha Luiza, diz-me o que te aconteceu depois da minha partida? Soffreste alguma cousa?

LUIZA — Nada soffri, Ernesto, graças ao nosso sangue-frio. Mas é preciso que eu te previna dos perigos que corres. Meu pae apanhou o retrato que me deste e sem me dizer cousa alguma tem-se conservado com elle. Leu tambem a carta que me escreveste hontem. O seu silencio incommoda-me. Elle prepara alguma cousa terrivel. Quer talvez reconhecer-te pelo retrato. Depois que daqui sahiste, pediu-me que lhe dêsse os teus signaes... Felizmente pude illudil-o, dizendo-lhe que, devido ao susto, nem tivera coragem de olhar para ti. Toma cuidado, Ernesto; é melhor que falemos francamente a meu pae, porque ha uma novidade ainda peor.

ERNESTO — Qual é, Luiza?

LUIZA — E' que acaba de sahir d'aqui o maluco do Quincas Teixeira. Meu pae disse-lhe que eu queria casar-

me com elle e já foram tratar dos preparativos. Oh! Ernesto, não percamos tempo!

ERNESTO — Oh! que idéa! Vou dar um golpe de mestre que decidirá da nossa felicidade!

LUIZA — Qual é?

ERNESTO — E' natural que o tal Quincas queira ter contigo uma conversa em particular, para falar-te da sua pretensão. Marcarás a conversa para as 7 horas da noite. EU escrevo-te uma carta que a creada entregará a teu pae e na quel te direi que me esperes á mesma hora, se elle não estiver em casa. Teu pae, não querendo perder a occasião de pilhar-me, fingirá que sai á rua e voltará logo, acontecendo que dará uma sova de páu no tal Quincas, que a essa hora estará conversando contigo. O maluco gritará, pedirá soccorro. Nessa occasião eu entro como agente da policia... e o resto fica por minha conta. Ouviste bem, Luiza?

LUIZA — Ouvi, Ernesto! (Ouve-se barulho fóra) Ceus! E' meu pae! Desta vez estamos perdidos!

SCENA XIV

Os mesmos e COELHO

COELHO (entrando) — Ah! Até que agarrei o pelintra! (Avança para Ernesto, este foge, deixando o paletot nas mãos de Coelho). Filha desnaturada! Confessa... que me queres enganar!... E's uma filha indigna do amor de teu pae!

LUIZA — Oh! meu pae! que pensa de mim?

COELHO — Ainda m'ó perguntas, filha indigna?! Retira-te da minha presença! (Luiza sae).

SCENA XV

COELHO e depois MARIA

COELHO — Hei de acabar como o compadre Calixto, mas hei de vingar a minha honra!... Eis ahi como se introduz a anarchia e a vergonha em uma casa de familia (chora) Custe o que custar, hoje mesmo decidirei o casamento desta rapariga, antes que o tal aventureiro chegue a vias de facto. Ora deixa-me vêr se por aqui encontro pormenores sobre o miseravel... (procura nos bolsos do paletot de Ernesto e encontra uma carta) Ah! (Examina-a) O retrato da minha Luiza... Uma carta escripta pela mão de minha filha!! (Lê) Senhor Ernesto — Recebi a sua cartinha que me encheu de alegria! Espero em Deus que seremos felizes porque meu pae é muito bom, e depois o exemplo do Calixto ainda está fresco! (Fala) Ah! malcriada! (Lê) O filho do Teixeira perdeu a esperança.

A ultima vez que o vi, quasi lhe dei com a cabeça na parede, para vêr se era inteiramente ôca, como parece. Meu pae anda furioso com a prisão do Calixto; mas enquanto elle se lembrar d'ella, pôdes continuar a vêr a tua Luiza! (Fala) Ah! minha vespa! se tivesse calças em vez de vestidos...

MARIA (entrando) — Meu amo, aqui tem uma carta.

COELHO (recebendo-a e abrindo-a) — Uma carta! Sem endereço?! Maria, quem te deu esta carta?

MARIA — Foi um moço de bigode!...

COELHO — Ah! já sei!... Vae-te embora... está entregue. (Maria sae).

SCENA XVI

COELHO (só)

COELHO — E' ainda uma carta do maroto! Vejamos! (Lê) Meu anjo: como disseste que teu pae não estará hoje em casa, senão muito tarde, espera-me ás 7 horas. O teu X... (Fala) Finalmente tenho o melro preso! Hoje... Ha de ser hoje!... (Com gravidade) Calixto! meu compadre, vaes ter um companheiro no teu calabouço... Sim! o teu amigo, o teu velho compadre Manoel Coelho, que ainda tem honra como tu, e que ha de salva-a descarregando algumas duzias de cacetaças na cabeça de um infame ladrão! Espera-me, Calixto. (Vê o relógio) São 6 horas e meia. Vou para a rua. Daqui a meia hora... está decidida a minha sorte! (sae)

SCENA XVII

MARIA (só)

MARIA — Santo Deus! O que vae hoje por esta casa! O velho está furioso! A menina trancou-se no seu quarto! os pretendentes entram nas pontinhas dos pés e sahem a pontapés. Que diabo quer isto dizer?! Meu amo parece que tem bicho carpinteiro no... corpo, porque não pára um momento em casa... Nunca o vi com tamanha actividade (Batem palmas). Ah! vem outro!... Quem será? (Vae a porta) Entre, senhor.

SCENA XVIII

MARIA e QUINCAS

QUINCAS (entrando) — Schiu!... não faça barulho. Onde está a excellentissima sá Luizinha?

MARIA (á parte) — Que diabo de modos são estes? (Alto) A senhora está no seu quarto. Quería alguma cousa?

QUINCAS — Olha, diz a ella que o moço bonito de

quem ella gosta... o Quincas, está ahi e quer-lhe falá em particulá. (Maria vae a sahir) Olha, diz a ella que seu Mané Coelho me deu licença para ter com ella esta conversa... (Maria vae a sahir) Olha, é mais mió não dizê nada, não é?...

MARIA — Digo, ou não digo!?

QUINCAS — Diz... diz...

MARIA — Veja lá em que fica!

QUINCAS — Diz, diz; é mió dizê... Perdido por mil e quinhento... (Maria sae) Que alegria! Meu coração está que é... bum... bum... que nem uma mão de pilão!... (Mirando-se) Eu acho que estou bem vestido. E' a urtima moda! (Sacode a roupa) Eu não sou feio! meu arfaiate me disse que não ha roupa que não me assente no meu corpo... Corpo?!... Corpinho!... O que é que eu hei dizê a ella quando vié?... sei lá!... Ella é que ha de fallá mais primeiro! Ella começa a conversa... e eu acabo!

MARIA (entra) — A senhora disse que o senhor espere um pouco que ella já vem!

QUINCAS (curioso) — O que é que ella tá fazendo? Está-se vestindo?

MARIA — Sim, senhor, já se está preparando!

QUINCAS — De que côr é o vestido d'ella?

MARIA — Não reparei se é azul, ou verde.

QUINCAS — Que bello! já tenho pé para a conversa! Se fôr azul, digo que ella parece com um sanhaço... Se fôr verde, digo que parece um periquito!

MARIA (áparte) — Este sujeito é idiota (alto). Ahi vem a senhora! (sae a um signal de Luiza).

SCENA XIX

QUINCAS e LUIZA

LUIZA (ao entrar cumprimenta Quincas com um movimento de cabeça. Quincas fica como sempre aparvalhado) — seja bemvindo, senhor Teixeira.

QUINCAS (áparte) — Bem vindo!... Que diabo é isso? (alto) Obrigado! muito obrigado!

LUIZA — Sei que ha dois dias chegou da roça... Sente-se...

QUINCAS — Obrigado, muito obrigado... Eu tou bem de pé... A senhora como passou?

LUIZA — Assim! Então não queria falar comigo em particular?

QUINCAS (atrapalhado) — Em particulá?... Ah! Sim... E' um modo de fallá! (Luiza faz-lhe menção de sentar-se. Queria dizê (a Luiza) Está bom; já que a senhora tanto me pede... eu vou fazê-lhe a vontade... e companhia... (senta-se de costas para o F.; depois de

grande pausa diz áparte) Elle não qué fallá!... (grande pausa) Que vestido chic!!

LUIZA (rindo) — Acha?

QUINCAS — Onde mandou fazê?

LUIZA — Na Comaitá!

QUINCAS (admirado) — O quê? D. Luiza?! isso é de-veras?! Seu vestido veio de?...

LUIZA — Da Comaitá!

QUINCAS — Ora, ora... A senhora está caçoando comigo!... Humaytá! Humaytá é na guerra!!... ora!... ora!... não vê que eu engulo esta!...

LUIZA — Bem, senhor Teixeira; diga-me qual é o assumpto da sua conversa particular!

QUINCAS — Ai! Ai! agora é que a senhora deu no vinte! (áparte) Então seu Quincas, sae ou não sae?!... (alto) A cousa é muito comprida para lhe fallá de uma vez só... (muito acanhado) Depois a senhora já sabe para que eu vim aqui.

LUIZA — Eu ignoro inteiramente!

QUINCAS (áparte) — Como ella falla bonito! (alto) Ora D. Luiza, se faça-se de santa!... A senhora gosta de verso?...

LUIZA (áparte) — Já se viu que pateta sem igual! (alto) Gosto sim, mas deste tamanho! (faz menção com o dedo, áparte). A scena está-se prolongando muito e meu pae que não tarda!

QUINCAS (remexendo-se na cadeira) — Pois D. Luizinha... vou dizer-lhe a cousa em verso!

LUIZA — Diga, senhor Teixeira; não sabia que o senhor além de tudo era poeta!

QUINCAS — Ora! ora! isso! Não ha Itabapoanense nenhum que não faça sua trova... Trova e queijo... (outro tom) A senhora gosta de queijo, D. Luizinha?

LUIZA (á parte) — Que bruto! (alto) Não; gosto mais de versos... Diga os seus...

QUINCAS — Então lá vae, (olha para todos os lados, levanta-se, espia as portas e senta-se). Lá vae (recita):

Mecê pita seu cigarro
Dá uma fumaça p'ra eu!
Tenho paia! tenho fumo!
Minha faca se perdeu!

Mecê pita seu cigarro
para me fazê acinte...
Tenho paia! tenho fumo!
Posso fazê mais de vinte!

Luizinha aqui estou eu
 Debaixo do teu condão
 Queria que tu me desses...
 (pausa e repete) Queria que tudo me desses...

SCENA XX

Os mesmos, COELHO e depois MARIA

COELHO (entra na ponta dos pés) — Cá está o bicho! Ferremol-o!

QUINCAS (áparte) — Agora o que é que eu queria que ella me desse!

COELHO (dando-lhe um sócco) — Um forte cachação... patife! um cachação. (Segue-se uma enorme gritaria. Coelho segura Quincas).

QUINCAS — Ai! soccorro! que me matou! Assassino!

COELHO — Ah! pensavas que me havias de escapar ainda esta vez, patife!... Maria? traga o meu cacete de nó!

MARIA (entrando) — Cá está o porrete, patrão; quer que malhe o ladrão?

QUINCAS — Soccorro! soccorro!

LUIZA (a principio ri, porém depois corre a Coelho e pede) — Basta, meu pae! Perdão para o pobre rapaz!

COELHO — Espera, que eu tambem já te vou ensinar! (Ouvem-se vozerias e apitos fóra. Ernesto entra disfarçado em subdelegado, com escrivão trazendo um livro debaixo do braço e acompanhado por dois soldados).

SCENA XXI

Os mesmos, ERNESTO, ESCRIVÃO, SOLDADOS,
 menos MARIA

ERNESTO (para os soldados, mostrando Coelho) — Agarrem aquelle homem! (Os soldados obedecem. Coelho debate-se).

COELHO (reconhecendo Quincas) — Oh! meu amigo!... Perdão!... Eu pensava que...

QUINCAS (furioso) — Ha-de ir preso! (Grita) Queria me matá! Deve ir preso! Esta casa é uma cóva de assassino! Prenda, prenda o assassino!

COELHO (áparte) — Calixto, meu compadre espera-me! (alto) Mas senhor subdelegado, eu me explico.

QUINCAS — Não tem que explicá! Prenda, senhor subdelegado! Estava-me matando... estava-me assuciando!... Vou-me embora. Não largue o assassino, senhor subdelegado, não largue! Vae p'ra correcção! (A Luiza) Fica jararaca, fica ahi na tua toca, para ver se comes outro; fica, fica!... (sae furioso).

SCENA XXII

Os mesmos, menos QUINCAS

ERNESTO — Senhor Manoel Coelho, está preso!

COELHO (tremendo) — Preso eu, senhor!... Perdão, eu me explico, senhor subdelegado... (á parte) Calixto, eu morro!

ERNESTO — O senhor Coelho se não quizer ser preso terá de prestar uma fiança, porque tentou matar um homem!

COELHO (tremendo) — Eu presto, senhor, eu presto a fiança!...

ERNESTO — São 30 contos de réis.

COELHO — 30 contos de réis?!... O dote de minha filha!...

ERNESTO — Vamos, senhor Coelho, decida-se ou terá de acompanhar-me!

COELHO — Faça isso por menos! Faça isso por menos, eu lhe peço! Eu não queria matar aquelle moço que é meu amigo!

ERNESTO — Então acompanha-me.

COELHO (succumbido) — Pois bem, senhor subdelegado, eu presto a fiança! (á parte) Calixto, meu amigo, perdoa-me! eu não posso ser teu companheiro! A minha dignidade não permite que eu vá agora para a cadeia.

ERNESTO (a Coelho) — Vou lavar o termo de fiança! (baixo, a Luiza) Então, minha Luiza, eu não disse que isto se decidiria?...

LUIZA (baixo a Ernesto) — Ernesto, poupa a meu pae esta afflicção por que está passando.

ERNESTO (o mesmo) — Tem paciencia, Luiza; d'aqui a pouco!

COELHO (á parte) — 30 contos!... Estou arruinado!...

ERNESTO — Está lavrado o termo! Venha assignar, senhor Coelho. Basta o seu nome por extenso.

COELHO — Eu assigno já (vae a ler)

ERNESTO — Perdão, senhor Coelho! Não pôde lêr!

COELHO — Mas como... senhor? pois eu hei de assignar um papel sem o lêr?!

ERNESTO — Não pôde, senhor Coelho.

COELHO — Mas... como não posso, senhor subdelegado?

ERNESTO — Não pôde. E' segredo de justiça!!...

COELHO — Segredo de justiça... mas a justiça?

ERNESTO — Não quer assignar?... acompanha-me, senhor Coelho.

COELHO — Está bem, senhor subdelegado! eu assigno, onde é?

ERNESTO (apontando) — Aqui...

COELHO (assigna) — Aqui tem, senhor. (áparte) Estou perdido!

ERNESTO (guarda o papel e despede-se) — Senhor Coelho, amanhã comparecerá perante a auctoridade que o mandará intimar.

SCENA XXIII

COELHO, LUIZA, e depois ERNESTO

COELHO (triste) — Luiza, minha filha, vem cá junto de mim. Dá-me forças para soffrer o golpe que me descarregou a sorte. Já me não zango contigo. Desculpa as tuas loucuras; sobretudo depois que por minha causa talvez tenhas que soffrer privações e necessidades.

LUIZA — Porque, meu pae?

COELHO — Porque o fructo do meu trabalho e as minhas economias, que eu destinava para ti, acabo de entregar-os á justiça para me livrar da vergonha de ser conduzido á cadeia.

LUIZA — Mas, meu pae, não póde ser condemnado; é innocente e a justiça ha-de restituir-lhe o seu dinheiro.

COELHO — Não, Luiza, eu tenho muito medo da justiça... é capaz de ficar com o dinheiro, e ainda em cima mandar enforcar-me. (batiem fóra) Será ainda algum subdelegado?... Estou perdido! Vae, Luiza, vae vêr quem bate. Pergunta se é agente da policia, se fôr previne-me, que eu vou deitar-me na cama, talvez tenham pena de mim e não me persigam mais.

LUIZA (vae á porta e falla baixo) — Entra, Ernesto!

ERNESTO — Senhor Manuel Coelho.

COELHO (olha para Ernesto e lembra-se do retrato) — Este homem! (áparte) E' elle, não tem que ver, (alto, furioso) Quem é o senhor? que vem fazer a esta casa? O senhor é um pelintra! é a causa da minha desgraça! Saia, senhor!! Saia, enquanto eu não acabo de me perder.

ERNESTO — Venho da parte da policia.

COELHO (tremendo) — Da policia? meu Deus! Estou perdido. (alto) Falle, senhor, que quer de mim, eu obedeço.

ERNESTO — Trago-lhe este officio do subdelegado de policia (dá-lh'o).

COELHO (com receio de ler) — Meu Deus! que será isto? Nem tenho coragem de o ler. (alto a Ernesto) Diga-me senhor: vem prender-me?

ERNESTO — Não, senhor Coelho, o officio lh'o dirá!

COELHO (abre o officio com receio. Ao ler tem uma surpresa). — Estou sonhando? que é isto? (lê) Faço doação a minha filha Luiza, de 30 apolices da divida publica, do valor de um conto de réis cada uma, de n. 3.625 a 3.655 por ser hoje o dia do seu casamento com o senhor Ernesto dos Santos Silva. Datado de 8 de Julho de 1936...

com a minha assignatura!... Sim, a assignatura é minha!... que é isto?... estarei sonhando?... Oh! senhor, diga-me depressa o que vem a ser isto antes que eu enlouqueça!

ERNESTO — Isto é... segredo de justiça, senhor Coelho.

COELHO (expandindo-se) — Oh!... segredo de justiça? Ah! ah! ah! Pois o tal subdelegado?...

ERNESTO — Sou eu mesmo, senhor Coelho.

COELHO — O senhor? O senhor? Olhe bem para mim! (tira o retrato do bolso e olhando Ernesto) Ah! ah! Ah! Que grandissimo espertalhão!... Toque! toque! não se pôde com a rapaziada de hoje! Ah! ah! ah! Mas enfim, tem graça!

LUIZA (muito alegre) — Então, meu pae, agora consente no meu casamento com o senhor Ernesto?

COELHO (muito risonho) — Pois tu gostas d'elle, minha filha?

LUIZA — Ora meu pae! que o diga o retrato que o senhor tirou da minha carteira.

COELHO — Sua brejeira! está bem! (áparte) O rapaz é fino e serve bem para meu guarda-livros... portanto não lhe dou 30 apolices, mas é o mesmo (guarda o papel) Casem-se, casem-se; mas estimem-se sempre como até aqui.

ERNESTO — Isto lhe garantimos nós; não é, Luiza? (vae a abraçá-la.)

COELHO (impedindo) — Ainda é cedo, esperem um pouco; não é com tanta séde que se vae ao pote.

SCENA XXIV

TODOS (vendo Quincas). — Que? ainda aqui, seu maluco?!

QUINCAS — Quero o meu chapéu que ficou aqui. Oh! ainda está ahí, não foi preso? Que diabo de policia é esta? (vendo Ernesto e Luiza de mãos dadas, grita estupidamente) Ah! estão casando?!... vou me queixá ao imperadô!

TODOS — Ah! ah! ah!

ERNESTO — Ao imperador do divino, lá de Itabapoana! Ah! ah! ah!

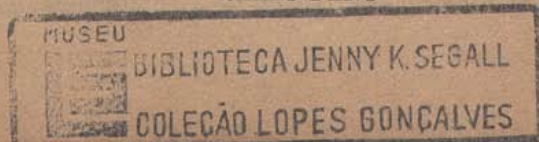
COELHO — Mas o pobre diabo deve estar com as costas bem moidas!...

ERNESTO — Do que eu escapei, senhor Coelho!

COELHO — Está bom! escapou da sova de pau, mas não ha-de escapar do Diario e do Borrador.

TODOS (a Quincas) — Ah! Ah! Ah! Sae d'aqui, maluco.

CAE O PANO



Isidoro (O), 2 h. e 1 s.	
Lenço (O) branco, 4 h. e 2 s.	
Mocos e veiros, 4 h. e 2 s.	
Mudança A meia-noite, 4 h., 1 s.	4\$000
Malata (A) 6 de Circo 8 h. e 3 s.	4\$000
Não dá passarinho, 10 h. e 7 s.	4\$000
Piperlin, corrector de casamentos, 6 h. e 5 s.	4\$000
Que trapalhada! 4 h. e 3 s.	4\$000
Que Sogra! 3 h. e 2 s.	4\$000
Salm Sald Cima, 8 h. e 2 s.	4\$000
Simpatico (O) Jeremias, 8 h. e 3 s.	4\$000
Saudade, 4 h. e 3 s.	4\$000
Sobrinhos do papá, 4 h. e 1 s.	4\$000
Tio (O) padre, 4 h. 1 s.	4\$000
Typos da actualidade, 3 h. e 3 s.	4\$000
Um amigo dos diabos! 4 h. 1 s.	4\$000

DRAMAS EM 1 ACTO

Escravo (O) 3 h. e 1 s.	2\$000
Garra (A) 4 h. e 1 s.	2\$000
Ladrão de casa, 5 h.	2\$000
Maldição paterna, 7 h.	2\$000
Mentira (A), 4 h. e 1 s.	2\$000
Uma anedota, 3 h.	2\$000
Ultimo (O) adeus, 4 h. e 1 s.	2\$000
Um dia de festa, 2 h. e 5 s.	2\$000
Vagabundo (O), 2 h. e 1 s.	2\$000

DRAMAS EM 2 ACTOS

Amor e honra, 4 h. e 2 s.	3\$000
Dívida de honra, 4 h. e 1 s.	3\$000
Galato (O) de Lisboa, 5 h. e 2 s.	3\$000
Rosas de Nossa Senhora, 6 h. e 3 s.	3\$000

DRAMAS EM 3 ACTOS

Advogado (O) da honra, 6 h. 1 s.	4\$000
Amor louco, 5 h. e 1 s.	4\$000
Arnaldo, 10 h. e 1 s.	4\$000
Arthur, o jogador, 10 h.	4\$000
Caboclos, 4 h. e 4 s.	4\$000
Diana de Rlone, 7 h. e 2 s.	4\$000
Dois (Os) sargentos, 10 h. e 2 s.	4\$000
Erro de um pae, 5 h. e 1 s.	4\$000
Esposa e mãe, 5 h. e 1 s.	4\$000
Espectro do passado, 7 h. e 1 s.	4\$000
Expedicionario (O), 6 h. e 1 s.	4\$000
Falsos (Os) amigos, 5 h. e 1 s.	4\$000
Ferro em bruxa, 10 h. e 3 s.	5\$000
Filha (A) do estalajadeiro, 6 h. e s.	4\$000
Filha (A) do marinheiro, 3 h. e 1 s.	4\$000
Filho (O) natural, 5 h. e 1 s.	4\$000
Filho (O) Prodigio, 8 h. s.	4\$000
Filhos (Os) da estalaja, 5 h. e 3 s.	4\$000
Fogo do Céu (Relampago), 3 h. e 2 s.	4\$000
Gabriel e Lusbel (Os Milagres de Sto. Antonio), 17 h. e 7 s.	4\$000

..... um marinheiro, 4 h.	4\$000
Honra e dinheiro, 6 h. e 1 s.	4\$000
..... ajada, 3 h. e 1 s.	4\$000
Inglês (O), 3 h. e 1 s.	4\$000
Leonardo, o pescador, 6 h. 1 s.	4\$000
Lôbo (O) do mar, 4 h. e 1 s.	4\$000
Luiz, ou a cruz do juramento, 6 h. e 1 s.	4\$000
Jequitibá, 7 h. e 3 s.	4\$000
João, o corta-mar! 6 h. e 1 s.	4\$000
Morte civil, 6 h. e 2 s.	4\$000
Nodoas (As) de sangue, 7 h. 1 s.	4\$000
Operatic em grève, 8 h. 50.	4\$000
Pena (A) de morte, 6 h. e 1 s.	4\$000
Provas (As) do crime, 5 h. e 1 s.	4\$000
Scenas da miseria, 7 h. e 1 s.	4\$000
Segredo (O) do pescador, 5 h. 1 s.	4\$000
Setimo Céu, 13 h. e 3 s.	4\$000
Sonhos de louca, 7 h. e 1 s.	4\$000
Tocadora (A) de harpa, 7 h. 2 s.	4\$000
Um erro judiciario, (O Louco da aldeia) 8 h. e 1 s.	4\$000
Valeria, a cega, 3 h. e 2 s.	4\$000
Veterano da liberdade, 3 h. e 1 s.	4\$000
20,000 dollars, 13 h. e 2 s.	4\$000

DRAMAS EM 4 ACTOS

Cruz (A) do cedro, 10 h. e 1 s.	5\$000
Filha (A) do Saltimbanco, 6 h. e 2s.	5\$000
Gaspar, o serralheiro, 9 h., e 1 s.	5\$000
Genio (O) galé, 8 h. e 1 s.	5\$000
Jocelyn, o pescador de baleias, 4 h. e 1 s.	5\$000
Ladrões da honra, 7 h. e 1 s.	5\$000
Magda, 6 h. e 7 s.	5\$000
Mais forte que o amor, 10 h. 2 s.	5\$000
Orphá (A) de Goyaz, 6 h. e 2s.	5\$000
Poder (O) do ouro, 12 h. e s.	5\$000
Silencio heroico, 9 h. s.	5\$000
Sylvio, o cigano, 7 h. e 1 s.	5\$000
Vampiros sociaes, 7 h. e 1 s.	5\$000

DRAMAS EM 5 ACTOS

Cabana (a) de Pae Thomaz 14 h. e 4 s.	5\$000
Conde (O) de S. Germano, 16 h. e 2 s.	5\$000
Escrava (A) Andréa, 4 h. e 1 s.	5\$000
Filha (A) do mar, 16 h. e 3 s.	5\$000
Filho (O) do Montanhez, 5 h. 2 s.	5\$000
Modelo (O) vivo, 10 h. e 1 s.	5\$000
Remorso (O) vivo, 15 h. e 2 s.	5\$000

MONOLOGOS E POESIAS DRAMATICAS

A Alaguma	1\$000
A Morta Galante	1\$000
As distrações	1\$000
Tragedia infantil	1\$000

LYR

A mais completa e mais bella
e comédias, que até

cançonetas, scenas comicas, poesias
adidosamente organizada por

J. V. AIR ONTES

Livro indispensavel a todos os actores, amadores e casas de familia. Para intermedio das recitas particulares de sociedades dramaticas, ou para maior brilho dos saraus familiares, encontrará o leitor na Lyra Theatral o que de mais delicado tem apparecido em poesias dramaticas e o que de mais chistoso nos tem dado, em monologos e cançonetas, escriptores de reconhecido merito.

EIS O INDICE: — O Senhorio Lusitano - Um noivo em cécegas - A morta galante - O angú do Barão - Rindo - Por de cima... por debaixo... - A cabra, o carneiro e o cevaão - Descarrilar - O melro - Do mesmo lado - A lagrima - A lenda das rosas vermelhas - Amanhã vou pedil-a... - Dona Hortencia - Uma anécdota (comédia) - A mosca - O trio dos larapios da "Gran-Via" - A Judia! (dialogo) - O suicida - Um alho! - Dentada de sogra! - Soirée familiar - A pulga - Morreu a minha sogra - Tres soldados - Rataplan - Para os pobres - Aos heróes de 1640 - Se eu fosse rapaz - Nas recepções da embaixada - Ul-la-lá - Os camarões - Quando a desgraça penetra... - O lenço da minha tia - O estudante alaciano - O grande Elias - A minha sogra - O cháos - A confissão - O ponto - O socio - Capenga não fórma - Um monologo... - Só no mundo - O pão fresco - Monologo cinematographico - Sesion clerical - Fiel - Sempre a andar - Trapalhada lyrica... - Nos annos da mamã - O' Chico - Vou recitar - Uma aria para tenor - O vagabundo - Posso ser padre? - O dinheiro - Nem ella nem eu - Sem novidade - A exposição - Pst! Pst!.. - Sol-la-si-dó - O meu casamento - O dorminhoco - A pelle de urso - A fome no Ceará - O pintasilgo - Seu Anastacio chegou de viagem - A caridade e a justiça - A' procura de Obéd - Um sonho - O album - O padre confessor (dialogo) - Digo?... Elle e ella - Prologo - Eu e tu - Dança do vento - A tragedia - Trapanhada do Melro e o Fiel. — Além de tudo isto contém ainda a lindissima comédia em um acto, do distincto escriptor Marcelino Mesquita, intitulada: Uma anecdota, representada milhares de vezes.

1 vol. com mais de 300 pags. 8\$000 — Pelo correio, 8\$500

- TEATRADAS** por Jorgino — Illustrações de J. Brito. TEATRADAS é um livro cheio de bom humor, graça e alegria.
1 volume illustrado, com capa artistica 5\$000
- TEATRO DE GOMES CARDIM** — 1 vol. contendo: Quem disse? — Zangas dum avô — Um grande momento — Prova de consideração — Maldita serenata 3\$000
- RETALHOS TEATRAES** — Monologos e conferencias calpiras, por João Garrucha, 1 vol. br 3\$000
- TEATRO DE PAULO DE MAGALHÃES** — Um grosso volume contendo as seguintes peças: Aventuras d'um rapaz feio — O Interventor — Saudade — O Bandeirante — Mais forte que o amor — O coração não envelhece. Preço do vol. 15\$000
- CREPE PARA BARBAS** — de varias côres ao preço de, metro 10\$000
- BATTON** — para caracterisação, caixa de 8 côres sortidas. C. 12\$000

LIVRARIA TEIXEIRA

RUA LIBERO BADARO', 491 — Caixa Postal, 258 — SAO PAULO